

GÊNERO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS DA PRESENÇA MASCULINA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPA - CAMPUS CASTANHAL-PA

Alexsandro Arthur Caxias dos Santos¹
Maria Denigele Dias da Silva²
Jorge Antônio Lima de Jesus³

RESUMO

O artigo investiga as mudanças na dinâmica de gênero no curso de Licenciatura em Pedagogia, historicamente marcado pela presença massiva de mulheres; agora observado por um aumento progressivo de estudantes homens nos últimos anos. O objetivo principal deste estudo é transcender preconceitos e desafios enfrentados pelos discentes masculinos, instigando discussões mais aprofundadas sobre essa temática, a partir da compreensão das percepções de discentes homens no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal - PA. A pesquisa é de abordagem qualitativa exploratória descritiva; a partir da revisão da literatura e do uso dos instrumentos da aplicação de questionários semiestruturados e entrevistas junto aos discentes do gênero masculino do curso no lócus da pesquisa, conforme Lüdke & André (1986) e Gil (2008). Os estudos apontam para a escassez de discussões ao longo do curso sobre a presença masculina no curso de Pedagogia; bem como, a ausência de reflexões e debates acerca da temática. Ainda existe o preconceito e a discriminação com o gênero masculino na profissão, principalmente na Educação Infantil e em muitas áreas deste campo educacional. Neste contexto do curso na UFPA – Campus Castanhal-PA, o estudo contribui para contextualizar os desafios específicos enfrentados pelos discentes homens no ambiente acadêmico e profissional de atuação, trazendo à reflexão uma perspectiva valiosa para novos conhecimentos sobre a temática e melhor compreender as relações de gênero entre os profissionais do curso de Pedagogia no Brasil.

Palavras-chave: Pedagogia, Relação de gênero, Discentes homens, Educação Infantil, Ambientes escolar.

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, com o processo de desenvolvimento da Educação na sociedade, observou-se um dos maiores fulcros, a ascensão exclusiva do papel das mulheres como trabalho na docência, uma vez que este trabalho era fundamental e exclusivo delas nesse período da sociedade, porém com o passar dos anos os homens foram conquistando espaço com a sua presença para esse ramo da educação e principalmente conseguindo atuar, embora enfrente grandes desafios através de preconceitos e exclusão na área. Este trabalho tem como objetivo à discussão e

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, alexsandroarthur828@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, denigelesilva@gmail.com;

³ Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, pedagogojorgelima@gmail.com

compreensão sobre este importante momento de reflexão sobre os desafios e preconceitos na presença masculina dos discentes homens no curso de Pedagogia e também no trabalho docente. Onde a intolerância preconceituosa e as exclusões ainda vigentes no campo educacional sejam presentes, é fundamental discutir esse panorama de envolvimento dos homens na educação, no ensino e no ambiente social. Portanto, como afirma (Gil 2008) o avanço excessivo de homens no trabalho educacional e também nos cursos de pedagogia e outros, fica relevante abordar essa dinâmica relativa na sociedade, entretanto ainda vê-se a minoria nesses espaços ocupados fortemente pela presença das mulheres, ou seja, um pouco menos de homens nesses espaços e nas inúmeras demandas da humanidade como universidades e outros, sendo importante incluir estes no trabalho educacional e na vivência docente, fazendo com que sua autonomia seja eleita e diminuindo os caminhos preconceituosos e de exclusão na sociedade e garantindo assim o acesso à educação, a liberdade a igualdade e a fraternidade

Pesquisas mostram que durante muito tempo, a educação foi responsabilidade da mulher, já que esta era possuidora de “dons naturais para cuidar”, tornando a educação infantil uma vocação, e não uma profissão. Historicamente, o recorte de gênero do pedagogo sofreu uma inversão, pois inicialmente era um cargo de maioria masculina e alto reconhecimento. No decorrer do século 20, foi ‘feminilizado’, infelizmente menosprezado, e ainda sofre com a precarização da profissão”.

Devemos deixar de reforçar o binarismo de gênero que trata mulheres como figuras frágeis e emocionais, e homens como aventureiros e insensíveis. Além disso, precisamos desvincular o conceito de vocação, que nos amarra ainda mais a estes mesmos binarismos e tantos outros preconceitos. E o melhor lugar para começarmos a mudar é na Educação Infantil. Nesse sentido, este trabalho se propõe não apenas explorar as dimensões do preconceito de gênero na área acadêmica-pedagógica e profissional, mas também sugere caminhos para enfrentar e superar essas barreiras, promovendo um ambiente mais inclusivo e diversificado.

METODOLOGIA

A pesquisa traz o embasamento teórico - metodológico e prático de uma pesquisa qualitativa exploratória do tipo descritiva, a partir da revisão da literatura conforme os estudos de Ludke e André (1986) e Gil (2008); foi desenvolvido com base em matérias elaborados e constituído principalmente de pesquisa, de teorias e práticas e principalmente do uso de instrumentos da aplicação de questionários semiestruturados e entrevistas juntos aos discentes do gênero masculino no curso de pedagogia. Este é um dos materiais publicados mais importantes no artigo para esclarecer e perceber os desafios da presença masculina no curso de pedagogia da UFPA Campus Castanhal - PA. Onde trata-se da síntese das principais contribuições de Ludke e André (1986) e Gil (2008) para

a reflexão da história da sociedade e o avanço significativo dessa presença masculina no curso de Pedagogia e no mundo contemporâneo.

Vasconcelos, Borges e Salomão (2020) ressaltam que uma instituição de ensino que preza pelo desenvolvimento íntegro da criança, não visa a criminalização ou o preconceito em destaque, mas sim, o que o profissional tem a agregar para a instituição e seus educandos, oferecendo um ambiente educacional que respeita os direitos humanos e a diversidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

É necessário compreender a história do nosso país para saber como a relação dos desafios acerca da presença masculina no curso de Pedagogia e no mecanismo de ensino foi desenvolvido ao longo dos anos. Santos (2013) conta como a “Educação” chegou com os jesuítas, que tinham como objetivo catequizar os povos indígenas e a alfabetização era uma consequência desse processo. Que depois da expulsão desse grupo religioso, a educação, no entanto, ficou com uma atividade exclusiva das elites. E com o passar dos anos, foi sofrendo mudanças significativas, que dificultaram o acesso da alfabetização e educação a todos, pois a educação era totalmente excludente.

O fracasso da alfabetização veio se arrastando ao longo dos anos, estudiosos há muito tempo vem discutindo sobre as dificuldades de ensinar as crianças brasileiras a ler e escrever. “Diversos métodos para alfabetizar foram e estão sendo desenvolvidos e aplicados, buscando recuperar as lacunas deixadas ao longo dos anos e do descaso com a educação brasileira, principalmente no que tange a aquisição da leitura e escrita” (Santos, 2013, p. 18).

Esse cenário ganha uma estrutura nova, quando ainda em meados 1500 os jesuítas foram os primeiros grupos de homens a ensinar e educar através da catequização, como um dos pioneiros da educação, que precisa ser desenvolvida e enfrentada respeitando as suas necessidades. Segundo (Santos 2013, p. 56) "Alfabetizar vai além de métodos e técnicas de ensino, é preciso buscar o real sentido da alfabetização levando em conta a realidade e a maturidade dos educandos, mostrando a eles qual o objetivo e a necessidade de ler e escrever".

Nesse contexto, Gil (2008) traz em seus estudos, reflexões sobre esses desafios e preconceitos que os pedagogos homens enfrentam na sociedade há muitos anos para ensinar e educar. É preciso pensar que os professores homens não são algo natural da humanidade, eles são um processo longo fruto das sociedades, logo algo cultural.

Desde séculos passados os ancestrais possuem o método de alfabetizar, ensinar e educar, pois esse foi o processo desenvolvido ao longo dos anos, e que se estende até os dias atuais apesar de enfrentar barreiras e desafios na realidade dos professores pedagogos e estudantes homens do curso de Pedagogia.

É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos um relato que mostra as grandes dificuldades enfrentadas por professores homens, quando consideramos a educação igual para todos. Temos a minoria de pedagogos homens trabalhando no ensino e educação de crianças, mas também a minoria de estudantes homens nos cursos de pedagogia e outros. O que mostra os grandes desafios, dificuldades e preconceitos nessa área.

Essa discussão ainda é super vigente, pois desde 1500 até os dias atuais, as dificuldades continuam existindo quando se pensa em educar, ensinar e estudar. Compreender a complexidade, acaba dificultando o acesso ao mundo educacional. A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, é um exemplo que mostra o quanto a educação, a formação e o trabalho ganharam um novo olhar. Mas, o que não muda é a estrutura tradicional que ainda está enraizada na sociedade brasileira.

Como já dissemos anteriormente, a Educação Infantil e Fundamental no Brasil encontra-se historicamente associada a figura feminina e à maternagem.

A entrada de professores homens, especialmente quando não são previamente conhecidos pela comunidade escolar, muitas vezes desperta um olhar de estranhamento. Além disso, questões relacionadas à sexualidade podem ser colocadas em suspeita, com a ideia de que homens optam pela profissão de pedagogo por não serem considerados 'homens de verdade'. Por outro lado, enfrenta-se também o preconceito que os associa a uma imagem de homens ativos e perversos, levando à crença de que devemos ser mantidos afastados das crianças" (Sayão, 2005).

Quanto maior o envolvimento de homens na educação infantil, aumentaria a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para as mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe, melhorando significativamente os salários e status da carreira pela ampliação de oportunidades (SAYÃO, 2005, p. 16).

Segundo Lima e Silva (2022) os desafios para o pedagogo do gênero masculino começam desde a graduação do curso de pedagogia. Os preconceitos se acentuam ainda mais quando tratamos do mercado de trabalho, pois tanto no ambiente acadêmico, quanto no âmbito de trabalho do pedagogo à predominância de mulheres atuando. Está estigmatizado na área docente que homens não conseguem lidar com crianças muito pequenas (Lima e Silva, 2022). Essa concepção está ligada à uma visão patriarcal da sociedade, na qual os homens são tradicionalmente responsáveis por trabalhar fora de casa, enquanto as mulheres assumem o papel de gestoras do lar e cuidadoras dos filhos.

Percebe-se que a presença de homens pedagogos em espaços de educação, cuidando das crianças pequenas é vista como algo errado, fora do lugar e que deve ser evitada. A escola tem um papel fundamental nessa temática, no sentido de desconstruir esse preconceito que continua enraizado ao longo do tempo e que necessita ser banido dos sistemas de ensino públicos e privados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa são frutos de um trabalho de campo realizado com 8 discentes homens do curso de pedagogia da UFPA Campus Castanhal. Esses discentes estão distribuídos em cinco turmas diferentes e participaram de uma entrevista mediada por um questionário com 6 perguntas referentes à discussão da presença do gênero masculino no referido curso e seus desafios em quanto pedagogos homens. Os dados coletados estão disponíveis no quadro 1 e para manter a identidade dos discentes em sigilo usaremos a codificação PEDAGOGO, identificando-os por letras de A a H.

Quadro 1 - desafios e dificuldades enfrentadas pelos homens no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPA Campus Castanhal.

PEDAGOGO A
<ol style="list-style-type: none"> 1) Idade: 24 anos 2) Contando com ele: 3 discentes homens na turma. 3) Em relação a conseguir estágio na área: sente pouca dificuldade. 4) Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres: “Já sofri preconceito até mesmo dentro da Universidade Federal do Pará por uma discente do curso de pedagogia. Ela estranhou a minha presença em um evento que estava tendo no campus e perguntou se eu era mesmo do curso de pedagogia. Ela disse em tom de deboche que esse curso é de mulheres.” 5) Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente: Educação Infantil. 6) Justificativa da resposta anterior: “Embora as discussões sobre papéis de gênero na sociedade brasileira têm tido relativa frequência, os preconceitos relacionados ao "homem" no espaço infantil ainda são extremamente presentes. A maior parte das famílias não confiam em homens para cuidar de seus filhos na escola. Os motivos são diversos, mas a questão de dar banho ou levar as crianças para o banheiro para fazer suas necessidades estão entre as mais frequentes. Por esses motivos, acredito que terei muita dificuldade futuramente em atuar na educação infantil como professor.”
PEDAGOGO B
<ol style="list-style-type: none"> 1) Idade: 31 anos 2) Contando com ele: tem 3 discentes homens na turma. 3) Em relação a conseguir estágio na área: sente muita dificuldade. 4) Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres: “Não.” 5) Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente: Educação Infantil. 6) Justificativa da resposta anterior: “Pelo preconceito de ter homens no mesmo ambiente de crianças.”

PEDAGOGO C
<ol style="list-style-type: none"> 1) Idade: 23 anos 2) Contando com ele: 3 discentes homens na turma. 3) Em relação a conseguir estágio na área: sente muita dificuldade. 4) Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres: “Sim, ao tentar uma vaga de estágio. O coordenador da escola disse que não aceitava estagiários homens na escola para os anos iniciais, pois ainda era um tabu para os pais.” 5) Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente: Educação Infantil. 6) Justificativa da resposta anterior: “Como disse acima, a escola e os pais ainda têm esse tabu de colocar um homem para atuar como professor da turma. As vezes acham que não temos o cuidado necessário para com os alunos, pois não somos delicados igual as mulheres, etc...”
PEDAGOGO D
<ol style="list-style-type: none"> 1) Idade: 24 anos 2) Contando com ele: 3 discentes homens na turma. 3) Em relação a conseguir estágio na área: sente muita dificuldade. 4) Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres: “Sim” 5) Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente: Educação Infantil. 6) Justificativa da resposta anterior: “Por conta do preconceito existente na sociedade, onde relacionam a profissão com a maternidade, pois nessa fase as crianças necessitam um pouco mais de cuidados e atenção, e deste modo as mulheres teriam mais cuidado para cuidar e educar as crianças.”
PEDAGOGO E
<ol style="list-style-type: none"> 1) Idade: 29 anos 2) Contando com ele: 3 discentes homens na turma. 3) Em relação a conseguir estágio na área: nenhuma dificuldade. 4) Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres: “Até o momento não” 5) Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente: Educação Infantil. 6) Justificativa da resposta anterior: “Esse preconceito vem geralmente vem dos responsáveis.”
PEDAGOGO F
<ol style="list-style-type: none"> 1) Idade: 23 anos 2) Contando com ele: 3 discentes homens na turma. 3) Em relação a conseguir estágio na área: sente muita dificuldade.

- 4) **Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres:** “sim”
- 5) **Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente:** Coordenação ou Direção.
- 6) **Justificativa da resposta anterior:** “Por conta do preconceito.”

PEDAGOGO G

- 1) **Idade:** 33 anos
- 2) **Contando com ele:** 4 discentes homens na turma.
- 3) **Em relação a conseguir estágio na área:** nenhuma dificuldade.
- 4) **Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres:** “Não”
- 5) **Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente:** Educação Infantil.
- 6) **Justificativa da resposta anterior:** “Talvez em alguns contextos sociais, principalmente os marcados por episódios de "estupro de vulneráveis" se tenha essa preocupação em não colocar homens próximo de crianças. Porém nas minhas experiências profissionais, esse estigma não foi sentido, principalmente por existir homens já trabalhando no local, e serem referências de capacidade técnica e profissional.”

PEDAGOGO H

- 1) **Idade:** 21 anos
- 2) **Contando com ele:** tem apenas 1 discente homem na turma.
- 3) **Em relação a conseguir estágio na área:** pouca dificuldade.
- 4) **Se já sofreu preconceito ou algum tipo de discriminação por ser um homem que estuda em um curso marcado pela presença massiva de mulheres:** “Sim, logo quando eu passei, inclusive.”
- 5) **Área pedagógica que ele acha que vai ser mais difícil de atuar futuramente:** Educação Infantil.
- 6) **Justificativa da resposta anterior:** “Durante minha formação, sempre ouvi que há um preconceito contra profissionais homens estarem educando crianças nessa faixa etária, seja por uma questão "ah, a criança deve ser cuidada pela mulher pois há um instinto maternal inerente a todas elas" ou por medo do que um homem pode fazer estando sozinho numa sala cheia de crianças pequenas. Isso se intensificou quando comecei com os estágios: os poucos homens que conheci me aconselharam a "tomar cuidado porque tudo pode ser visto com maus olhos pelos pais ou até mesmo pelos gestores. Eu adorava atuar na educação infantil, mas sinto que a todo momento tinha que estar me podendo, tendo que pensar duas vezes antes de falar ou agir. Acabava sendo bem desconfortável.”

Fonte: Autor

As respostas são consistentes em apontar o preconceito social como principal obstáculo. Há uma percepção de que homens enfrentam desconfiança quando atuam na Educação Infantil, seja por questões de gênero, cuidado com crianças ou por medo de assédio ou abuso. Isso pode estar relacionado com a ideia estigmatizada de que a mulher

por ser quem gesta, tenha maior facilidade em cuidar, amar e educar crianças, sendo isso, visto socialmente como uma capacidade inata da mulher (Lima e Silva 2022).

A experiência de estágio e o ambiente universitário revelam disparidades significativas na forma como os homens são recebidos e avaliados. Os relatos indicam que alguns homens enfrentam desconfiança e questionamentos sobre sua capacidade e motivação para trabalhar com crianças. Essas experiências podem desencorajar potenciais candidatos e reforçar a percepção de que a Educação Infantil não é um campo apropriado para homens.

A dificuldade enfrentada por homens na Educação Infantil é exacerbada pelo preconceito relacionado aos papéis de gênero. A necessidade de "policar" constantemente o próprio comportamento, como descrito pelo PEDAGOGO H, pode afetar a confiança e a eficácia profissional. Sayão (2005) sugere que o aumento da presença masculina na Educação Infantil poderia contribuir para desmistificar a imagem da profissão como algo exclusivamente feminino, potencialmente melhorando o status e os salários associados a essa carreira.

Em geral, há poucos homens nas turmas de pedagogia, com a maioria dos participantes relatando a presença de 3 homens na turma, exceto o PEDAGOGO G que mencionou 4 homens, e o PEDAGOGO H que relatou ser apenas ele de discente homem. Esses dados nos ascende um alerta sobre a importância de a universidade fomentar a discussão sobre a temática aqui apresentada, principalmente considerando que as turmas do curso de pedagogia da UFPA Castanhal têm em média 30 alunos, e em média apenas 10% são homens.

A presença reduzida de homens nas turmas de Pedagogia é um reflexo desse preconceito. Essa média de homens nas turmas de pedagogia na UFPA Castanhal, os dados sugerem uma sub-representação significativa. Esse número é preocupante, pois limita a diversidade de perspectivas e experiências no campo da Educação Infantil e pode afetar a percepção pública sobre a viabilidade da carreira para homens. Além disso, os estudos apontam para a escassez de discussões ao longo do curso sobre a presença masculina no curso de Pedagogia; bem como, a ausência de reflexões e debates acerca da temática

Libâneo (2016) discute como a formação docente pode ser influenciada por questões de gênero. Ele enfatiza a importância de refletir sobre as práticas educativas e a formação dos professores para promover um ambiente mais inclusivo e equitativo. expectativas sociais e culturais de gênero podem moldar a prática docente e a formação de professores, sugerindo que a formação inicial e continuada deve incluir uma reflexão crítica sobre essas expectativas para preparar melhor os educadores para enfrentar desafios relacionados a gênero (Libâneo, 2016).

Há uma divisão clara entre aqueles que sentem muita dificuldade e aqueles que sentem nenhuma ou pouca dificuldade para conseguir estágios. Essa divisão pode indicar que fatores como preconceito ou oportunidade de estágio variam entre contextos específicos e as experiências individuais dos discentes. Os relatos de preconceito parecem

se concentrar em experiências com estágio ou no ambiente universitário, onde alguns homens enfrentam questionamentos ou desconfiança quanto à sua presença no curso. Vasconcelos, Borges e Salomão (2020) destacam que a presença do docente homem pode contribuir com o desenvolvimento da criança, já que estas podem internalizar o papel do educar e cuidar por meio, também, da figura masculina.

O preconceito social mencionado reflete uma percepção estigmatizada profundamente enraizada na sociedade, que associa o cuidado com crianças, especialmente na Educação Infantil, a características femininas. Lima e Silva (2022) destacam que essa visão está ligada à ideia de que a capacidade de cuidar de crianças é uma habilidade inata das mulheres, reforçando estereótipos de gênero. Isso não apenas limita a participação masculina na área, mas também contribui para a desconfiança e o estigma enfrentados por homens que optam por seguir essa carreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos dados coletados e analisados, concluímos que o preconceito de gênero ainda é uma barreira significativa para homens que crescentemente escolhem a pedagogia, especialmente na Educação Infantil. Eles relatam ser vistos como menos adequados ou até como potenciais riscos para crianças. O estigma de homens em espaços tradicionalmente femininos parece estar fortemente ligado a percepções culturais de cuidado e proteção infantil, afetando não apenas o processo formativo, mas também as perspectivas de futuro profissional.

Compreendemos que o receio da atuação desses profissionais no ensino de crianças também advém do número de violência cometidas contra crianças. No entanto, consideramos que generalizações não podem impedir que esses discentes homens percam oportunidades de atuarem profissionalmente com capacidades técnica, ética e estética que conquistaram durante sua formação.

Dessa forma, torna-se essencial que o curso de pedagogia incorpore discussões críticas sobre gênero e preconceito na formação de professores, podendo ajudar a preparar futuros educadores para lidar com questões de gênero de maneira mais eficaz. Essa abordagem deve incluir análise de estereótipos e práticas educativas inclusivas. A universidade e as instituições educacionais devem promover ativamente a diversidade de gênero, incentivando a participação masculina em cursos de Pedagogia e na Educação Infantil. Isso pode ser feito através de campanhas de sensibilização, mentoria e parcerias com escolas para criar ambientes de trabalhos inclusivos.

O curso de pedagogia tem recebido um número maior de alunos do gênero masculino, mas o número ainda é baixo. Fator que mostra que a sociedade está progredindo em muitos sentidos. A tendência é que esse preconceito diminua e que não exista sexismo em profissão alguma, pois todos devem ter o direito de seguir a profissão que almejam sem complicações ou preconceitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, J. **Didática**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016

LIMA, I.; SILVA, N. **A inserção e permanência do pedagogo homem na educação infantil**: revisão de literatura. p. 89-101. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2022.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

SANTOS, A. O processo de alfabetização na educação infantil. **Monografia (Graduação)**. João Pessoa: UFPB, 2013.

SAYÃO, D. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches. **Tese (Doutorado)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2005.

VASCOCELOS, D; BORGES, L; SALOMÃO, N. O professor homem na educação infantil: o que pensam pais, mães e educadoras? Florianópolis: **Zero-a-seis**. v. 22, p. 480-506, 2020.